

Falta de créditos externos ameaça a balança comercial

Séria crise com repercussões diretas no saldo da balança comercial como consequência de dificuldades na obtenção de financiamentos externos para as exportações brasileiras. Essa é a previsão feita ontem no Rio pelo diretor de Câmbio do Banorte, Ricardo Azém, para quem as dificuldades decorrem da paulatina redução dos prazos das linhas de créditos externos após a decretação da moratória.

Segundo ele o descompasso de prazos entre a exportação em si e seu financiamento, exige um esforço maior dos bancos nacionais para o ajuste de suas operações. No momento, as linhas de crédito para exportação têm prazo médio de 60 dias, ao passo que uma exportação demora de 60 a 90 dias e mais dois ou três meses para a entrega das cambiais, disse Azém.

Outra dificuldade — apontada por Jan Peeraer, diretor da indústria holandesa de aviões Fokker para a América Latina — é a obtenção de créditos externos para financiar a compra de novos aviões pelas companhias aéreas brasileiras, o que talvez as leve a optar pelos contratos de leasing com opção de compra. Peeraer veio ao Brasil acompanhando Hendrik Baay, diretor-geral da Fokker para a Europa e América Latina,

a fim de entrar em entendimento com as empresas de transporte aéreo do País objetivando as vendas futuras do novo avião da fabricante holandesa.

Mas, para Baay, as oscilações registradas na economia brasileira são comuns em outros países, motivo pelo qual a Fokker não tem preocupação quanto aos seus negócios no Brasil, mercado onde está há 50 anos. Demostrando otimismo, Baay afirmou que a moratória não afetará as vendas do avião Brasília produzido pela Embraer, pois os compradores no Exterior sabem estabelecer distinções entre os problemas financeiros do País e a situação financeira daquela empresa.

Algum fôlego

Por enquanto — disse Ricardo Azém —, algumas exportações à vista ou em fase de liquidação ainda permitem que os bancos tenham "algum fôlego a mais". No entanto, aconselhou: o governo deve tomar medidas imediatas. E citou um exemplo: o perigo que poderá enfrentar a soja, cuja safra atual prevê negócios em torno de US\$ 1,8 bilhão, contra 1,5 bilhão na anterior.

Para o diretor do Banorte, que hoje embarca para Nova York a fim de manter con-

tatos com bancos norte-americanos, as recentes mudanças no comando da economia brasileira podem causar "péssima impressão junto aos nossos credores, principalmente a saída de Antônio Pádua Seixas do Banco Central".

Cruzado defasado

O presidente da Associação Brasileira das Empresas Comerciais Exportadoras (Asbece), Paulo Protásio, também mostrou-se preocupado com a redução dos prazos das linhas de financiamentos externos para exportações.

Ele identifica, também, problemas sérios na questão relacionada com a política cambial, principalmente na defasagem de 25% do cruzado em relação ao dólar, considerando o custo final do produto vendido. Para Protásio, "se não for eliminada essa defasagem o Brasil não retomará o ritmo de exportações pretendido pelo governo".

Por sua vez, o diretor do Citizens e Southern National Bank (Banco do Sul dos EUA), Nilo Neme, ressaltou que a suspensão do pagamento dos juros da dívida externa atingiu, diretamente, as operações de financiamento à exportação com prazos acima de 360 dias, limite tradicional para as chamadas linhas de curto prazo.